

Apresentação - Dossiê temático

Educação: Imagens, cinema e cotidianos

Este dossiê foi concebido em novembro de 2014 no VII Seminário do Laboratório Educação e Imagem, que se insere no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, organizado por Mailsa Passos e Nilda Alves. Durante os encontros, uma das indagações coletivas buscava pistas para os diferentes modos de aproximação entre nossos estudos e pesquisas com imagens e cinema e os múltiplos cotidianos educacionais nos quais atuamos, abrindo possibilidades de trabalho para que se alastrem pelos espaços escolares outras maneiras de interagir com a estética das imagens. O Seminário reuniu pesquisadores de diferentes IES do Brasil e da Educação Básica. Estão aqui representadas a UERJ, a UNICAMP, a UFSC, a UFSJ, a UFPB e a UNISO.

Neste dossiê oito artigos nos oferecem encontros com pesquisas, imagens e sons que problematizam os cotidianos, deles potencializando movimentos estéticos que querem diferir e proliferar pensamentos, inventando outras experiências e possibilidades de movimentar educações. Suas páginas nos convidam a visitar/rever filmes em diferentes linguagens, tais como documentários, curtas-metragens, animações, e a observar, em produções midiáticas contemporâneas, uma bricolagem com a cibercultura e a linguagem imagética.

No artigo “Cinema e Cotidianos e Pesquisa em Educação”, Giovana Scareli e Priscila Correia Fernandes levantam algumas possibilidades de pensar a Pesquisa em Educação a partir do trabalho de três cineastas e alguns de seus filmes: Eduardo Coutinho (*Santo Forte*); Abbas Kiarostami (*Onde fica a casa do meu amigo?*); e Andrei Tarkovski (*Stalker*). Cada um, à sua maneira, ao seu tempo e em seu país, nos mostra que o cinema cria modos de ver/pensar/criar o mundo, cotidianos. Para as autoras, aprendemos com o cinema a olhar nossos cotidianos de pesquisa e produzir outros mundos possíveis.

Em “Exibindo, debatendo e produzindo filmes paraibanos em ambientes educativos”, Virgínia de Oliveira Silva situa, na primeira parte, alguns exemplos de ações de formação cinematográfica que já vêm ocorrendo na Paraíba e que surgem mais do voluntariado de alguns de seus sujeitos do que de políticas públicas específicas voltadas para o setor propriamente dito.

Na segunda parte, José Dhiones Nunes dos Santos analisa alguns dos desdobramentos que essa e outras ações formativas em torno do cinema vêm ocasionando em uma dada região do estado, a saber, no Cariri Paraibano.

Em “Outros espaços no cinema contemporâneo: campo de experimentações escolares?”, Wenceslao de Oliveira discute as potências espaciais do cinema expandido, para nos perguntar: por quais experiências vividas na escola poderiam expandir-se nesse (e expandir esse) cinema contemporâneo? Fariam o cinema vir a ser outro, inventando linguagem para expressar aquilo que se passa nas escolas, em cada uma delas, singular que é nas negociações entre as trajetórias heterogêneas que a configuram? De que maneiras se expandiria o cinema ao encontrar-se com e junto de uma escola?

Karina Rousseng Dal Pont em “Colômbia de férias faz a cartografia brincar” movimentava o conceito de uma cartografia brincante, traça sobre a cartografia escolar possibilidades de exercitar a imaginação pelos modos como apresenta o espaço. Parte da análise do vídeo “Colômbia de férias” (2011), para proliferar sensibilidades, tensionando no ensino de geografia um transbordamento sobre os modos de mapear o mundo.

Em “Filmes – Imagens e Sons – como memória afetiva de docentes”, Nilda Alves, Alessandra Nunes Caldas e Rebeca Brandão Rosa buscam a compreensão sobre os *conhecimentossignificações* tecidos entre imagens e sons, através de filmes assistidos em espaço de vídeo clube. Potencializa-se, pela ‘conversa’ com os docentes, o surgimento da memória de situações vividas “na realidade” ou na imaginação que trazem pistas para as questões diversas e difíceis que os *praticantespensantes* dos *espaçostempos* escolares enfrentam, nos cotidianos das escolas e das outras tantas redes educativas, em relações múltiplas com muitos outros *praticantespensantes*.

Inês Barbosa de Oliveira e Alexandra Garcia escrevem “O cinema: redes de prazeres e aprendizagens em imagenssons móveis” para ultrapassar os limites colocados pela dimensão do sentido nos campos da arte e da comunicação que caracterizam produções e relações com o mundo e com o outro. Discutem o uso do cinema como conteúdo pedagógico, consagrado em nossas escolas e universidades, propondo-se a pensar com o cinema, a partir da emoção, do sensível e da presença, para deslocar as lentes de um paradigma de conhecimento, para o de aproveitamento de microaprendizagens, tais como desafios e dicas cognitivos, ético-políticos ou emocionais.

Edméa Santos, Rachel Colacique e Felipe da Silva Ponte de Carvalho produzem “A autoria visual na internet: o que dizem os *memes*?”, com formas de narrativas do cotidiano que, por meio do humor, permitem aos praticantes culturais se autorizarem de forma intertextual e imagética, a refletir sobre os potenciais das tecnologias digitais em rede e a autoria coletiva em nosso tempo. Os *memes* convidando educadores e educadoras à autoria de seus atos de currículo.

Alda Regina Tognini Romaguera e Marta Catunda apresentam, em “Imagens e sonoridades: é possível fissurar cotidianos escolares?”, ecos de suas recentes pesquisas, vozes de cotidianos escolares vividos na atualidade que insistem em perguntar: E quando a escola vaza pelas ruas da cidade, em manifestações estudantis? E quando a merenda falta, a polícia bate, o cadeado fecha? Desejam pensar, com os estudantes secundaristas em exercício político, atos de inventar novos e diferentes modos de resistir educação.

Desejamos a todos/as ótimos encontros de pensamento, esperando que usufruam das leituras!

Alda Regina Tognini Romaguera